
MÚSICA
22, 26 SETEMBRO
2 OUTUBRO '07
FESTIVAL
EXPRESSO ORIENTE

Música de Este a Oeste. Pela ORCHESTRUTOPICA
Integrado no ciclo 'Os Filhos de Abraão'

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos

SÁB 22 SETEMBRO · 21h30
Grande Auditório · Duração: 1h15

ORCHESTRUTOPICA
Armando Possante barítono
Tapio Tuomela maestro

Ivan Moody
Trisagion (2007) **

Ahmed Essyad
Mouq'Addimah (Prolégomènes) (1969) **

Eurico Carrapatoso
La rue du chat qui pêche (serenata onírica
a Constança Capdeville) (2000)

Saed Haddad
L'Éthique de la Lumière (2004) **

Luís Tinoco
Invenção Sobre Paisagem (2001)

Arnold Schoenberg
Ode a Napoleão (1942), op. 41

QUA 26 SETEMBRO · 21h30
Palco do Grande Auditório · Dur. 1h10

ORCHESTRUTOPICA Solistas
Filipe Raposo (participação especial) piano
Pedro Pinto Figueiredo maestro

Ahmed Essyad
La mémoire de l'eau (1982) **, piano

Jamília Jazyzbekova
Le refus de l'enfermement I (2001) **,
quarteto de cordas

Filipe Raposo
Urban Roots (2007), piano e electrónica

Ana Seara
Três telas de Barcelona (2007) **

Iyad Mohammad
Metamorphosis (2000) **, clarinete e piano

Sara Claro
Versus (2007) **

TER 2 OUTUBRO · 21h30
Foyer da Galeria de Exposições · Dur. 1h00

Etty Ben-Zaken voz
ORCHESTRUTOPICA Solistas

GI Gurdjieff
Chants and Hymns **
1. Chant from a Holly Book
2. Bayaty
3. Prayer
4. Duduku
5. Interlude I
6. Interlude II
7. Assyrian Women Mourners
(arranjos para violoncelo e piano
de Anja Lechner e Vassilis Tsabropoulos)

Eitan Steinberg
Stabat Mater – a human prayer (2004) **, voz,
quarteto de cordas e electrónica

* Primeira audição absoluta

** Primeira audição em Portugal

Encomenda da OrchestrUtopica

+ Escrita para a OrchestrUtopica

Ramos da mesma árvore

A edição de 2007 do Festival Expresso Oriente segue o desafio do tema da programação da Culturgest para este ano: Os Filhos de Abraão. Tem sido constante a oposição religiosa recíproca destes três ramos de uma mesma possível árvore. A história tem demonstrado que as suas evoluções não são paralelas nem mesmo equivalentes. Em muitos aspectos as coisas não correram sequer de forma parecida. Para além de uma querela sobre o problema narrativo – em que o que está em causa é saber que narrativa fundadora está, afinal, mal contada –, as oposições estendem-se a muitos outros planos. Com uma origem religiosa fundadora comum, judeus, muçulmanos e cristãos, todos parece descenderem do mesmo pai. As suas divergências são, porém, múltiplas. Mas, a hostilidade e a intolerância que marca a evolução histórica dos três ramos desta árvore no plano religioso e político, terá um equivalente no plano da criação artística e cultural? E no caso da música?

Na cultura judaico-cristã (que corresponde em parte ao que se convencionou chamar o *mundo ocidental*) a música seguiu o caminho que conhecemos. No Islão, e segundo Saed Haddad (compositor da Jordânia), a ideia de uma “música contemporânea” (no modo como a entendemos no ocidente), não tem lugar. Onde, pois, procurar a expressão contemporânea da música da cultura islâmica?

Pondo de parte as divergências e alguns rancores históricos que marcam a história política, o Festival Expresso

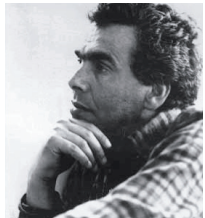
Oriente de 2007 visa abrir uma janela curiosa e interessada em conhecer o que, sob cada um dos três ramos, em termos de criação musical se pode ouvir. As obras e os compositores programados não foram escolhidos segundo um critério especificamente religioso. Trata-se antes de uma mostra musical das três culturas – o que inclui certamente compositores sem religião (o que é também uma demonstração do curso de uma das culturas que permite não ter religião, ser descrente, ou ter dúvidas – hoje, sem proscrição e sem castigo).

Alguns dos pontos altos desta edição centram-se na audição de *Ode a Napoleão*, de Schoenberg (obra pouco ouvida no nosso país), a primeira audição de *Trisagion*, nova obra de Ivan Moody, encomendada pela OU, a música de Saed Haddad, compositor jordano. E, também, um momento muito especial, será a estreia em Portugal de *Stabat Mater – a human prayer*, do compositor israelita, Eitan Steinberg, uma obra centrada numa das mais longas e devastadoras oposições: o conflito israelo-palestiniano.

Repetindo a experiência de anos anteriores, também nesta edição três compositores portugueses da mais recente geração foram convidados a apresentar a sua música: Ana Seara, Filipe Raposo e Sara Claro. Três novas vozes, três novíssimos caminhos que a ORCHESTRUTOPICA se orgulha de dar a ouvir cumprindo o seu papel de divulgação e promoção da música portuguesa de hoje.

JOSÉ JÚLIO LOPES

Compositores e obras



AHMED ESSYAD 1938, compositor

Nasceu em Salé (Marrocos) e reside em França desde 1962. Ahmed Essyad tem uma cultura musical dupla muito sólida, simultaneamente árabo-islâmica (Conservatório de Rabat) e ocidental (Conservatório Nacional Superior de Música de Paris). No Conservatório de Paris foi aluno, a partir de 1962, de Max Deutsch em composição e análise. Será em breve o seu discípulo privilegiado. Aprende com ele a grande lição de Schoenberg, que fortifica o seu sentido inato do rigor, do respeito pelo artesanal, da integridade artística e intelectual, o que contribuiu, sem dúvida, a par de problemas materiais reais, para uma produção mais escassa, de alto nível, levando a cabo com uma acuidade cada vez maior a síntese da música árabo-berbere, da qual é um eminente conhecedor, e da música europeia encarnada pela grande tradição clássico-romântica vienense que leva a Schoenberg e aos seus discípulos.

A escrita para voz constituiu três quartos da produção de Ahmed Essyad.

A aprendizagem com Max Deutsch permite assumir a sua paixão pela voz. Durante trinta anos a escrita aprendida com o seu único mestre (com a sua terra natal) segundo o qual «a música é vocal, senão não existe», guiou o seu trabalho. Guiou-o paralelamente a preocupação da memória das origens culturais, marca da presença da terra e dos homens que nela vivem.

Para Ahmed Essyad, «uma síntese cultural que não pusesse em primeiro lugar a reflexão dos homens, que não enriquecesse o presente com uma experiência nova, não poderia permitir a dupla admiração, continente a continente, este território onde o homem pode enfim perder-se».

De 1991 a 1994, é compositor residente em Chartreuse de Villeneuve-lès-Avignon para quem compõe uma ópera-luz com libreto de Bernard Noël, *O Exercício do Amor*.

Compositor residente no Conservatório da Região de Estrasburgo em 1994. Recebeu o Grande Prémio Nacional da Música em 1994. Foi Compositor convidado no Festival Música 94.

Mouq'Addimah (Prolégomènes) (1969)
La mémoire de l'eau (1982), piano



ANA SEARA 1985, compositora

Nasceu em Coimbra em 1985. Iniciou os seus estudos de ballet com apenas três anos, ingressando mais tarde, em 1991, no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. Aqui prosseguiu os seus estudos de ballet e iniciou os estudos musicais. É diplomada pela Royal Academy of Dance, com distinção. No ano lectivo de 2000/01 matricula-se no 10.º ano de escolaridade no Curso Complementar de Composição no Conservatório de Braga (curso pioneiro no país, coordenado e leccionado pelo Professor Paulo Bastos). No âmbito deste curso, algumas peças suas (incluindo peças electroacústicas) foram estreadas. Como aluna do Conservatório de Braga, participa ainda em várias audições e recitais na classe de piano e coro, assim como em Cursos de Pedagogia Pianística. É premiada, por quatro anos consecutivos, no Concurso Regional de Piano realizado anualmente em Braga. Em 2003 ingressa na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), no Curso de Composição, com a nota final de ingresso de 18 valores. Concluiu a Licenciatura em Composição da ESML em Julho do presente ano com uma

média final de 19 valores. Foi aluna de professores como António Pinho Vargas, Christopher Bochmann, Carlos Caires, Luís Tinoco, João Madureira, Sérgio Azevedo, Carlos Fernandes, Roberto Pérez, José Luís Ferreira, Vasco Pearce de Azevedo, Benoit Gibson, Sandra Barroso, Nuno Bettencourt Mendes, Francesco Esposito. Como aluna da ESML, participou na organização do projecto *Peças Frescas*, com a coordenação do Professor Luís Tinoco, em parceria com o S. Luiz Teatro Municipal (Lisboa). Este projecto tem como principal objectivo estrear, em concerto, peças compostas pelos alunos da classe de composição da mesma Escola e, pontualmente, com intercâmbios com outras Escolas, nomeadamente a Universidade de Aveiro e a Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Em Setembro de 2005, uma das suas peças (*Resson[ÂNSIAS]...*) foi apresentada no Festival Internacional Musica Viva, em Oeiras. Fez parte da comissão organizadora e na produção do III, IV e V Festival de Música da ESML (como membro da Direcção da Associação de Estudantes desta instituição de ensino) também realizado no S. Luiz Teatro Municipal. Com a sua peça *Discursos* concorreu à primeira edição do Concurso de Composição do Festival de Música da Póvoa de Varzim, obtendo uma Menção Honrosa na categoria de Música de Câmara. No 2.º Concurso de Composição do Festival de Música da Póvoa de Varzim obteve o 2.º prémio na categoria “Música de Orquestra” com a sua peça *Perpétuité* que foi apresentada ao público pela Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim.

Três telas de Barcelona (2007)

Três Telas de Barcelona é composto por três pequenos andamentos. No entanto deverão ser interpretados ininterruptamente. Gaudí, Mirò e Dalí são as três figuras da arte catalã a serem exploradas musicalmente. Concentrei-me na construção e cor do lagarto do Parc Güell em Barcelona de Gaudí; no quadro A Estrela Matinal do conjunto Constelações de Mirò e no famoso A Persistência da Memória de Dalí. Com um estilo arquitectónico muito peculiar, Gaudí encheu a cidade de Barcelona de cor e formas ondulantes, cheios de mosaicos onde se juntam o estilo gótico, a art nouveau e a tradição espanhola. Os mosaicos coloridos que revestem todo o Parc Güell transmitem ideias musicais. Vários motivos, ondulante, com diferentes cores tímbricas... Depois do início da Segunda Grande Guerra, Mirò vai para a Normandia. É um momento de grande introspecção, onde o céu, a noite e os astros têm uma especial importância para o pintor. Assim nascem os quadros de Constelações. São 23 aquarelas que parecem reflectir a ordem do cosmos, a ordem social, a paz. Musicalmente, A Estrela Matinal é mais lenta, com mais ruídos, aqueles que ouvimos durante a noite. Mais silenciosa e com estrelas aqui e ali a aparecerem... até se juntarem para repor a ordem do cosmos. Dalí, pai do surrealismo, transmite neste quadro algum horror, ansiedade. A memória de toda a peça é tratada neste momento. Recorre-se a material anterior para fechar um ciclo. A memória é persistente. Os motivos em constante rotação sobre si próprios conferem esta ideia de repetição em espiral. Forte, rápido e incisivo. Para esta peça foram criados, em Composer, cinco acordes. Existe uma ambiência do espectro de Mi forte. Estes acordes foram trabalhados

em figuras que se metamorfoseiam ao longo dos três momentos como uma teia. Houve um especial cuidado na construção da figura, do fluir rápido do material e das ideias. Foi uma tentativa de quebrar com os movimentos lentos que insistentemente apareciam na minha produção musical.

COPYRIGHT © 2007 ANA SEARA



ARNOLD SCHOENBERG 1874-1951, compositor

Arnold Schoenberg, oriundo de uma família judaica ortodoxa húngara, nasceu em Viena a 13 de Setembro de 1874. As suas primeiras influências artísticas vieram do seu tio Fritz Nachod, admirador da poesia e literatura francesas. Aos oito anos de idade, iniciou a sua educação musical tendo aulas de violino, compondo, nessa época, as suas primeiras músicas. Com a morte do pai, a família passou a enfrentar dificuldades financeiras; Schoenberg, com apenas 16 anos de idade, empregou-se num banco, onde trabalhou durante cinco anos. Os seus irmãos David Josef Bach e Oskar Adler eram os seus parceiros nas discussões sobre música, filosofia e literatura. Foram eles que o encorajaram a seguir a carreira de músico e lhe despertaram

a necessidade de buscar seus próprios ideais artísticos. Juntos, formaram um conjunto musical que permitiu a Arnold experimentar e explorar o repertório clássico da música de câmara e compor para quartetos.

Em 1894, passou a ter aulas de composição com Alexander von Zemlinsky, aluno do Conservatório de Viena. Foi Zemlinsky o responsável pela sua formação teórico-musical e pelos ensinamentos dos princípios gerais de composição, tornando-se uma referência importante na carreira musical de Schoenberg.

Em 1897, escreveu o seu *Quarteto de Cordas em Ré maior*, cuja alteração dos cursos formais da composição foi a sua resposta ao criticismo de Zemlinsky. Embora a apresentação desta obra tenha sido muito bem recebida pelo público, a primeira audição pública das *Canções* op.1, 2 e 3 foram ouvidas sob protestos da plateia. A partir de então, segundo o próprio compositor, os escândalos não pararam mais.

Após o seu casamento com Mathilde Zemlinsky, em 1901, Schoenberg passou a residir em Berlim, onde se tornou maestro de uma orquestra no teatro de variedades. Nesse período, terminou de compor *A Noite Transfigurada*, que iniciara em 1899, *Gurrelieder* (1900), o poema sinfónico *Peléas e Mélisande*, op.5 (1902-1903), *Melodias* op.6 e op.8, *Quarteto em Ré menor*, op. 7 (1904-1905), ganhando renome na vanguarda musical alemã.

Inaugurava assim um novo estilo de compor, rompendo barreiras e convenções. Passou a ser conhecido como o pai do dodecafonismo – utilização da escala de 12 notas cromáticas de mesmo

temperamento, arranjadas de forma original: invertidas, repetidas ou alteradas. Schoenberg via a arte e a música como expressões da personalidade e da humanidade. Assim, adoptou o expressionismo como postura estética. Os contrastes de sua personalidade são sentidos em sua música, reflectindo as suas paixões que pareciam beirar a loucura. O radicalismo da postura de Schoenberg, negando o equilíbrio clássico, tornou-se a essência de uma nova música. A nova postura estética voltava-se contra a sociedade burguesa do início do século, os seus valores superficiais, a sua falsa moral e seu artificialismo. Schoenberg defendia a veracidade da arte, procurando despertar a sensibilidade através do incómodo e da alteridade.

A sua opção pela atonalidade nasceu como necessidade de expressão, ao mesmo tempo que marcou a independência da dissonância. As três peças para piano, op.11 (1909), suas primeiras obras atonais, foram completamente inovadoras para a época. Os 15 *Lieder de Stefan George*, op. 15: *Buch der Hängeden Gärten* (1908) constituem o primeiro ciclo de composições desenvolvidas com imagens de grande inspiração poética que, segundo o compositor, “derruba, a partir de um novo ideal e expressão, todas as barreiras de uma estética superada”.

Como professor da Academia Prussiana de Artes, foi mestre de Berg, Werber e Wellez. Em 1933, expulso de Berlim pelos nazistas, emigrou para os Estados Unidos, passando a leccionar na Universidade da Califórnia. Schoenberg faleceu em 1951. Descoberta por novas gerações de músicos, a sua obra alcançou um enorme sucesso após a sua morte.

Ode a Napoleão (1942), op.41

A Liga dos Compositores pediu-me, em 1942, que escrevesse uma peça de música de câmara para a sua temporada de concertos. Deveria ser para um número limitado de instrumentos. Tive desde logo a ideia que esta peça não poderia ignorar a agitação da humanidade contra os crimes que esta guerra originou. Lembrei-me das Bodas de Fígaro de Mozart, apoiando a repulsa do jus prime noctis, Guilherme Tell de Schiller, Egmont de Goethe, a Heróica de Beethoven e Victory de Wellington, e soube que era um dever moral da intelligentsia assumir uma posição contra a tirania.

Mas este foi apenas o meu motivo secundário. Sempre especulei sobre o significado mais profundo da filosofia Nazi. Havia um elemento que me intrigava profundamente: a semelhança entre o não valor da vida de cada ser individual em relação ao todo comunitário ou aos seus representantes: a Rainha ou o Führer. Não consegui perceber porque é que uma geração de abelhas ou de alemães deveria viver apenas para produzir uma nova geração do mesmo tipo, que por seu lado deveriam fazer o mesmo: manter a raça viva. Eu até supus que as abelhas (ou formigas) instintivamente acreditam que o seu destino é ser os sucessores da humanidade, quando ela se tiver destruído a si própria da mesma forma que os seus antecessores, os Gigantes, os Magos, Dragões, Dinossáurios e outros se destruíram a si e ao seu mundo, e assim os primeiros homens apenas conheciam alguns espécimens isolados. A capacidade das abelhas e das formigas para formar estados e viver de acordo com leis – insensíveis e primitivas, parecem-nos a nós – esta capacidade, única entre animais, tinha uma semelhança atractiva à nossa própria vida; e na nossa imaginação nós podíamos inventar

uma história, em que elas cresciam até um poder, tamanho e forma dominadores e criavam um mundo delas próprias, com muito poucas parecências com a colmeia original.

Sem este objectivo a vida das abelhas, com a matança dos zangãos e os milhares de filhos da Rainha pareceria fútil. Paralelamente todos os sacrifícios da Herrenvolk alemã [Raça Superior] não teriam sentido, sem um objectivo de domínio do mundo – no qual o indivíduo seria investido de interesse.

Antes de ter começado a escrever este texto consultei A vida das abelhas de Maeterlinck. Esperava encontrar aí exemplos que apoiassem a minha atitude. Mas aconteceu o contrário: a filosofia poética de Maeterlinck embelezava tudo o que não é já belo. E as suas explicações são tão maravilhosas que nos podemos recusar a refutá-las, mesmo sabendo que são mera poesia. Tive que abandonar este plano. Tive que encontrar outro tema que se enquadrasse com o meu objectivo.

COPYRIGHT © ARNOLD SCHOENBERG



EITAN STEINBERG
1955, compositor

Eitan Steinberg, um dos mais proeminentes e activos compositores de Israel, ganhou o prémio Primeiro-Ministro de Israel para compositores 2007, e a

Cátedra do Departamento de Música da Universidade de Haifa. Graduou-se na Academia de Música Rubin de Jerusalém e estudou depois na Academia Chigiana, em Siena, Itália. Fez um doutoramento em composição musical na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Entre os seus professores contam-se o compositor Mark Kopytman, Richard Felciano, Luciano Berio, Peter Maxwell-Davies e Franco Donatoni. Tendo crescido em Israel, estudado em Itália e na Califórnia e depois voltado para Israel onde vive, compõe e ensina, a sua música revela a convergência de culturas diferentes, e é inspirada por material popular e tradicional de todo o mundo. O trabalho de Eitan Steinberg com a sua mulher, a cantora Ety Ben-Zaken, originou mais de trinta obras vocais estreados por ela, muitos deles com textos em várias línguas. A sua música foi tocada pela Orquestra Filarmónica de Israel, a Orquestra Sinfónica de Jerusalém, a Orquestra de Câmara de Israel, o Ensemble Contemporâneo de Israel, o Boston Musica Viva, o Kuss Quartet (Alemanha), pelos pianistas Sarah Cahill, Greg McCallum, e o violinista Kim Kashkashian. As suas peças foram gravadas pela etiqueta New Albion Records, Rádio Israel, a TV Israel, a rádio alemã WDR e pela BBC.

Stabat Mater – a human prayer (2004), voz, quarteto de cordas e electrónica O poema latino medieval Stabat Mater Dolorosa que descreve a dor de Maria ao ver o seu filho morto, foi largamente utilizado ao longo da história da música. Esta peça é uma interpretação contemporânea e pessoal, inspirada em elementos folclóricos

e medievais, e ao mesmo tempo enraizada na actualidade de Israel. A oração latino-cristã foi o nosso ponto de partida, a partir do qual avançamos para a descrição da experiência universal da aflição materna e a perda de filhos em guerras (a perda de um filho na guerra). O texto inclui dois pequenos excertos da oração latina, lido a lado com duas canções populares: um lamento judaico-espanhol em Ladino, tradicionalmente cantado em dias de luto, e uma balada revolucionária de guerra americana (baseada numa canção popular irlandesa). Estão todas ligadas numa história original de perda e mágoa, cura e esperança. As instruções de interpretação para o cantor incluem contar histórias em hebraico e em árabe, cantar com técnicas folclóricas, improvisação, e tocar num acordeão de criança. A interpretação de hoje é uma versão de concerto da peça. A versão teatral original foi encomendada e apresentada em 2004, no Festival The Voice of Music na Galileia, Israel.

COPYRIGHT © 2007 EITAN STEINBERG & ETTY BEN-ZAKEN



EURICO CARRAPATOSO
1962, compositor

Eurico Carrapatoso licenciou-se em História na Faculdade de Letras da

Universidade do Porto, em 1985. Estudou depois composição com José Luís Borges Coelho (1985-87) e fuga com Cândido Lima no Conservatório de Música de Lisboa (1987-88). Estudou composição com Constança Capdeville na Escola Superior de Música de Lisboa (1988-91) e com Jorge Peixinho (1991-93) onde se formou com distinção.

Entre as distinções que obteve destacam-se o Cantonigròs Prize (Barcelona, 1995), o Prémio Lopes-Graça da cidade de Tomar (1998-99), o prémio Francisco de Lacerda (1999, com *Mare nostrum et mare vostrum* e *Raios de Extinta Luz*), o Prémio da Identidade Nacional (2001), e a Comenda da Ordem do Infante Dom Henrique do Presidente da República (2004). As suas obras têm sido apresentadas em Portugal, por duas vezes no Rostrum da UNESCO (1998-99) bem como no Brasil, China, França, Alemanha e nos EUA e tem recebido encomendas de numerosas instituições, orquestras e teatros como a Casa da Música do Porto, a Fundação Serralves, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a RDP, o Teatro Aberto, o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro Nacional de São João.

Foi professor assistente de História económica e social na Universidade Portucalense e de composição em várias escolas, incluindo a Escola de Música do Porto, a Escola Superior de Música de Lisboa e a Academia Nacional Superior de Orquestra. Ensinou também Análise e Técnicas na Academia de Amadores de Música de Lisboa e no Conservatório Nacional de Música de Lisboa desde 1989.

La rue du chat qui pêche (serenata onírica a Constança Capdeville) (2000)

Esta obra resulta de uma encomenda da Fundação Serralves que me foi feita por intermédio de meu amigo António Pinho Vargas, ilustre compositor e pessoa de extrema erudição, a quem a obra é dedicada. A peça, por outro lado, canta também a memória da minha querida professora de composição, Constança Capdeville, conforme se pode depreender do subtítulo: serenata onírica a Constança Capdeville.

A explicação do título La rue du chat qui pêche prende-se com uma situação por mim vivida em Paris no mês de Fevereiro de 1996, por coincidência aniversário do falecimento de Constança. Deambulando eu pela cidade a pé e fazendo o itinerário entre a torre Eiffel e a catedral de Notre Dame pela margem esquerda do Sena, deparo com uma pequena rua secundária, estreita, muito discreta, mas com um título qui m'a frappé tout de suite. Pensei imediatamente na minha professora. O nome daquele sítio, La rue du chat qui pêche, de origem por certo medieval, época de prodígios tais como reis taumaturgos e gatos que pescam, tem uma ressonância leve, arguta, lampeira, pícara, ágil, lendária, virtuosa, e mais toda uma panóplia de símbolos poéticos errantes que eu sinto plasmarem-se, não me perguntem porquê excepto as pessoas que não conheceram a Constança, numa mundividência muito próxima à nossa grande compositora. Perante a epígrafe daquela rua, naquele dia frio e húmido (como qualquer dia "medieval" que se preze), eu vi claramente visto o título da obra que um dia haveria de dedicar à sua memória. Mas não em forma de requiem. Sim, em forma de serenata onírica, porque onírica era a sua presença, oníricas eram as suas aulas onde se sentiam as fragrâncias do

sândalo. O seu porte era etéreo e caminhava silenciosamente como quem voa baixinho.

A forma da peça é a de uma composição policroma bizantina, uma espécie de políptico com rondó. A presença desse rondó que se apresenta no piano logo no princípio e que vai regressando ao longo da peça com uma função de acalmia formal, fundamentalmente, é alternada com uma série de episódios contrastantes, desde os mais tranquilos aos mais exaltados. De entre estes episódios devem destacar-se três que contêm três breves citações: de uma melodia gregoriana de Natal (o inefável Puer natus est nobis), do famoso Doctor Gradus ad Parnassum (o primeiro número do maravilhoso Children's corner dedicado por Claude Debussy a sua filha Chouchou), e do quinto andamento da minha obra Deploração sobre a morte de Jorge Peixinho (Paisagem onírica com anjos), usado no fim da peça quando a música se vai evanescendo. Este procedimento de "citação/colagem" era, aliás, muito caro a Constança Capdeville, por ela usado com incomparável sabedoria e sensibilidade na obra Libera me, obra magistral e pináculo da composição novecentista portuguesa.

COPYRIGHT © 2000 EURICO
CARRAPATOSO



FILIPE RAPOSO

1979, compositor e pianista

Pianista e compositor nascido em Lisboa, estudou piano na Escola de Música do Conservatório Nacional, com Anna Tomasik e José Bon de Sousa, estudou composição com Eurico Carrapatoso, Luís Tinoco, João Madureira, Sérgio Azevedo, Carlos Caires e frequenta o 4º ano da licenciatura em Composição (ESML).

Além da formação erudita estudou também música improvisada, com Carlos Bica, Jans Thomas, Stanley Jordan, George Cables.

Tem desenvolvido um trabalho a solo e em trio (sentando com a participação de Carlos Bica), é um dos membros de Tora Tora Big Band e YD Band (Yuri Daniel) e colabora frequentemente com Amélia Muge, José Mário Branco, Fausto, privilegiando a ligação entre mundos musicais diferentes.

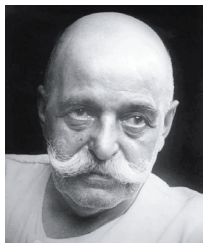
É pianista acompanhador da cinematoteca portuguesa e tem participado em inúmeros festivais de cinema.

Parto para este trabalho com um grande respeito por tudo o que tenho ouvido e com uma enorme vontade de criar um percurso de escuta e interacção com esta música (universal) que dentro de mim se move – é, de facto, uma arquitectura universal.

E, ainda, com a expectativa de continuar a encontrar no passado um dos elos criadores da raiz do meu futuro como ser humano e como músico.

Urban Roots (2007), piano e electrónica Improviso sobre fita magnética
Vinda da vida, há uma sombra que encerra a vida que passa, e nessa sombra, outra sombra mais escura que nenhuma, sonhando a luz que esvoaça”
(Amélia Muge)

COPYRIGHT © 2007 FILIPE RAPOSO



G.I. GURDJIEFF
18--/1948, compositor, professor, filósofo, místico

Filósofo, à procura da verdade, reconciliador entre ciência e religião, professor, guru de artistas, escritores e músicos, Gurdjieff foi uma figura enigmática; até o seu dia de anos é algo incerto: 1866 ou 1877. Ele ensinou movimentos para “alterar ou aumentar a consciência” no seu Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem, situado nos arredores de Paris – um processo altamente improvisado para o qual ele compôs música igualmente improvisada.

Sem formação técnica, ele dependia de assistentes qualificados para levar a cabo e escrever as suas ideias, e encontrou um num discípulo devotado: o pianista/compositor ucraniano Thomas de Hartmann, que altruisticamente suspendeu a sua própria carreira e, depois da morte de Gurdjieff em 1948, publicou e gravou alguns dos trabalhos em que colaborou. Como compositor, Gurdjieff, nascido na fronteira entre a Arménia e a Turquia, foi influenciado pela diversidade étnica e cultural da região, pelas memórias de infância das músicas religiosas e filosóficas improvisadas pelo seu pai, um trovador grego, pelos hinos da igreja ortodoxa grega e pelas suas inúmeras viagens pela Europa e Ásia.

Chants and Hymns

As suas composições não possuem o mínimo vestígio de música étnica. O que o autor faz é um subtil transferência da essência da tradição antiga para o ouvido moderno. Trata-se de uma obra de arquétipos culturais, mais do que de criação original no sentido de atingir a essência do homem do ocidente. Utilizou em especial o piano, no que foi apoiado pelo pianista ucraniano Thomas de Hartmann

Ritmos enfáticos estão presentes na sua música (em especial na música para movimentos masculinos). A sua riqueza melódica não deve ser atribuída ao uso de ornamentação, mas mais à utilização de esquemas modais, largamente apoiados na tónica.

COPYRIGHT © 2007 OU (ADPT.)



IVAN MOODY
1964, compositor

Ivan Moody estudou música na Universidade de Londres. A sua música, profundamente inspirada na espiritualidade ortodoxa, tem sido interpretada e gravada em CD's em todo o mundo pelas editoras Hyperion, Telarc, ECM e Ars Musici. A sua maior obra até hoje, o *Akáthistos Hymn*, foi estreada nos BUA em Janeiro de 1999, e foi gravada em CD em 2001.

Até 1998 foi professor de composição na Academia de Artes e Tecnologias de Lisboa. Tem ministrado conferências em Inglaterra, Portugal, Holanda, Finlândia, Canadá, Brasil e Uruguai, e tem contribuído regularmente para periódicos internacionais, livros e dicionários, produzindo artigos sobre a música sacra, tanto antiga como contemporânea. Desde 1998 é colaborador do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade Nova de Lisboa. É membro do conselho de redacção da revista internacional *Goldberg* e, desde 1993, é Director da série *Music Archive Publications*, da Harwood Academic Publishers. O seu livro *The Golden Kithara: Studies in Greek Contemporary Music* foi publicado em 2003, em Londres.

Trisagion (2007)

A palavra grega ‘Trisagion’ (pronunciada “trissaguion”) quer dizer “três vezes santo”; refere-se a um hino à Santa Trindade, usado com grande frequência no rito bizantino (e noutras liturgias orientais): “Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal, tem piedade de nós”. Normalmente é repetido três vezes, a sua estrutura tripla reforçando a natureza trinitária do texto.

Como me foi pedido que esta obra reflectisse algo da minha fé (algo excepcional na música de concerto), resolvi basear-me neste texto fundamental, utilizando a versão musical de um manuscrito grego escrito em Tessalónica no século XIV. Aqui, a natureza tripla do texto é mantida mas a primeira parte é inteiramente orquestral, tentando assim transmitir a ideia de “hesychia”, uma oração silenciosa, mística e interna.

COPYRIGHT © 2007 IVAN MOODY



IYAD MOHAMMAD
1976, compositor

Compositor jordano nascido na Alemanha, vive agora entre a Bielorrússia e a Jordânia. As suas obras são de música de câmara e foram tocadas na Ásia e na Europa. Mohammad estudou violoncelo e teoria musical no

Conservatório Nacional de Música da Fundação Noor al-Hussein em Aman de 1991 a 94 enquanto estudava flauta e piano particularmente. Estudou depois composição com Larisa F. Murashko e Viktor A. Voytik na Academia de Música da Bielo-Rússia, em Minsk, de 1996 a 2001, onde obteve o diploma com distinção, bem como o Doutoramento. Desde 2002 faz estudos de pós-graduação com Elena M. Gorokhovich na mesma Academia. Deu aulas de análise, composição, harmonia e outras disciplinas no Conservatório Nacional de Música da Fundação Noor al-Hussein em Amman desde 2003. Também foi professor de análise e harmonia na Academia de Música da Jordânia, em Aman, em 2004.

Residindo na Jordânia desde os cinco anos, tem a nacionalidade alemã e jordana.

Metamorphosis (2000), clarinete e piano
Metamorphosen é um ciclo de seis fragmentos para clarinete e piano escrito num estilo dodecafónico livre. É uma obra composta em Fevereiro de 2000 e estreada em Minsk em Junho desse ano. As seis peças possuem um carácter fragmentário não só na forma e na duração, mas também no estilo. São fragmentos de memórias nas quais a heterogeneidade estilística e o tipo de gestos se revela numa exploração básica e livre da técnica dos doze tons – a qual é em si mesma um fenómeno histórico. Mais tarde decidi dar a estas peças títulos que reflectem imagens características com as quais nos relacionamos desde sempre:
I. Brahms Fragmente
II. Rhythmus und Glocken I
III. Pastoral

IV. Rhythmus und Glocken II
V. Klarinettenlied in fis-moll
VI. Prokofiev und Marsch
COPYRIGHT © 2004 IYAD MOHAMMAD
COPYRIGHT © 2007 OU (ADPT.)



JAMILIA JAZYLBKOVA
1971, compositora

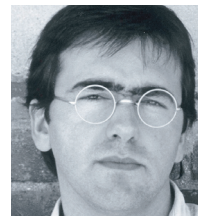
Natural do Cazaquistão, Jamilya Jazylbekova reside actualmente na Alemanha. As suas obras em grande parte de música de câmara têm sido apresentadas na Ásia Central, Europa e EUA.

Jazylbekova estudou piano e flauta transversal na Escola de Música Estatal em Almaty de 1980 a 89. Estudou composição com Nikolay Sydelnikov e Vladimir Tarnopolski no Conservatório Tchaikovsky em Moscovo (1990-95) e análise com Günter Steinke, composição com Youngghi Pagh-Paan e voz com Maria Kowollik na Hochschule für Künste de Bremen (1995-2002), com uma bolsa DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst). Também frequentou Darmstadt (1996), um curso vocal em Lichtenberg (1996), uma masterclass com Klaus Huber (1997), o Kompositionsseminar em Boswil (2001), e Royaumont (2001).

Recebeu várias distinções, incluindo o segundo prémio (não houve primeiro prémio) no concurso de música de câmara em Almaty (1987, para quarteto) e uma menção honrosa no concurso Jiger em Almaty (1988, com *Tolgau – Reflection*). A sua peça *Ushar* foi seleccionada para ser o Nachwuchsforum der Gesellschaft für Neue Musik (1997). Recebeu uma menção honrosa no Gaudeamus Music Week (1998, com *Ushar*), o Franz Liszt Kompositionspreis da Hochschule für Musik Franz Liszt em Weimar (2000) e o Kompositionsstipendium of the Berliner Senat (2000). Mais recentemente ganhou o segundo prémio (não houve atribuição do primeiro prémio) no Internationaler Wettbewerb der Deutschen Gesellschaft für Flöte em Frankfurt (2001, com NYR).

Fez residências na Künstlerhaus Schloss Wiepersdorf (2000), na Künstlerinnenhof die HÖGE perto de Bremen (2000), na Villa Aurora em Los Angeles (2002), na Künstlerhaus Lukas em Ahrenshoop (2002), e na Künstlerhaus Schreyahn em Niedersachsen (2003).

Le refus de l'enfermement I (2001), quarteto de cordas



LUÍS TINOCO
1969, compositor

Luís Tinoco é natural de Lisboa e formou-se em composição na Escola Superior de Música de Lisboa e, posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura completou um Mestrado em composição na Royal Academy of Music em Londres.

Paralelamente à sua actividade enquanto compositor, tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e em outras instituições de ensino. Enquanto programador e divulgador musical, destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP, como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música e, mais recentemente, assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos.

Presentemente, encontra-se a trabalhar na partitura de *Evil Machines*, um projecto de teatro musical com libreto do ex-Monty Python Terry Jones, que será estreado pela Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob direcção de Cesário Costa, no Teatro Municipal de S. Luiz, em Janeiro de 2008.

A música de Luís Tinoco é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press.

Invenção Sobre Paisagem (2001)

Obra encomendada pela Porto 2001 – Casa da Música. Primeira audição absoluta: Setembro 2001, Remix Ensemble, Sarah Ioannidis.

Nesta peça interessou-me o conceito de invenção como um produto da imaginação – sem se reportar a nenhuma forma musical específica, mais na sua íntima relação com a ideia de paisagem, do que com uma imagem ou espaço físico concretos. Porém, a observação que proponho procura um sentido de mobilidade, isto é, suscita uma audição que construa o espaço imaginado. Percorrendo-o.”

COPYRIGHT © 2001 LUÍS TINOCO



SAED HADDAD 1972, compositor

Saed Haddad, residente na Alemanha, nasceu na Jordânia em 1972. Iniciou os estudos de piano muito cedo, dedicando-se mais tarde à composição após concluídos, em 1993, os estudos em filosofia na Universidade de Luvaina (Bélgica). Posteriormente foi premiado pela Academia de Música da Jordânia (1993-1996), tendo obtido o mestrado em composição na Academia de Música e Dança de Jerusalém e na Universidade

Hebraica de Jerusalém em 1998-2001, sob a supervisão de Menachen Zur e Ari Ben-Shabtai. Frequentou *master-classes* com Andre Bom, Allain Gaussin, Hanna Kuelenty, Louis Andriessen e Helmut Lachenmann. É doutorado em composição pelo King's College de Londres onde estudou com George Benjamin (2002-2005). Obteve numerosos prémios em Israel, França e Reino Unido, incluindo o New Millennium Prize-Birmingham 2003. Possui um vasto leque de obras encomendadas por prestigiados agrupamentos como o Arditti Quartet, Nieuw Ensemble, Atlas Ensemble, Birmingham Contemporary Music Group, Fundação Eduard van Beinum (Holanda), entre outros. Tem tido numerosas estreias pela London Sinfonietta, Ensemble Modern, Israeli Contemporary Players, Philharmonia Orchestra, etc., sob a direcção de Zolt Nagy, Franck Ollu, Martyn Brabbins, Lucas Vis e Ed Spanjaard. As suas obras têm sido apresentadas em centros de prestígio como Asian Composers League Festival, Aspekte Salzburg Festival, Proms/Gaudeamus Festival, Centre Pompidou, Royal Festival Hall ou Alter Oper-Frankfurt. De 2004 a 2005 foi compositor associado ao Birmingham Contemporary Music. Tem dirigido cursos na Jordânia e em diversas universidades europeias.

L'Éthique de la Lumière (2004)

A chave para a interpretação da música de Saed Haddad pode ser encontrada nas suas próprias palavras sobre a sua condição de compositor: *Sendo um árabe cristão e compositor de música contemporânea ocidental, eu identifico-me como um “outro”*

no contexto cultural ocidental. No entanto, sinto-me também como um “outro” na minha própria herança cultural (onde não existe música contemporânea, e não é entendida nem apreciada).

Este “outro” é um elemento de resistência, mas continua a ser uma parte de um todo. Procura uma expressão alternativa que se distancia das duas tradições sendo ao mesmo tempo testemunha de ambas. Dissimula a sua cara usando máscaras, sombras e ilusões para depois, surpreendentemente revelar a sua realidade contrastante. Procura totalidade e harmonia enquanto mostra rudeza, contradição, ilógica e “alteridade”. Procura definição na busca de uma descoberta permanente.

A “alteridade” está na base de um mistério transcendental de contradições criadas pela minha contínua (in)compreensão sobre o que significa para mim a cultura árabe, sendo eu um marginal cultural que escreve música ocidental.

COPYRIGHT © 2007 SAED HADDAD



SARA CLARO 1986, compositora

Sara Claro nasceu em 1986, no Porto. Residente em Braga, iniciou os estudos musicais de Formação Musical e Piano aos 8 anos e aos 9 anos ingressou no

Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. Na transição para o ensino secundário optou pela variante de composição, sob a orientação de Paulo Bastos, concluindo o 8.º grau de Piano e Formação Musical, e o 3.º grau de Leitura de Partituras, laboratório de composição, análise e técnicas de composição e composição livre. Em 2003 ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa (onde se encontra actualmente a concluir o curso de composição), estudando com compositores de destaque na música contemporânea portuguesa, como Luís Tinoco, Carlos Caires e Christopher Bochmann, entre outros.

Versus (2007)

Versus para flauta, clarinete, fagote, violino, viola, violoncelo e percussão foi escrita para a ORCHESTRUTOPICA. O título está relacionado com os vários tipos de gesto que caracterizam a obra: esquerda vs. direita, trás vs. frente, solista vs. grupo, rápido vs. lento, agudo vs. grave, etc.

A disposição única dos músicos em palco imprime a sensação de panorâmica, tendo esse fenómeno de movimento sido também desenvolvido a nível harmónico, rítmico e dinâmico.”

COPYRIGHT © 2007 SARA CLARO

Intérpretes



ARMANDO POSSANTE barítono

Armando Possante iniciou a sua formação musical no Instituto Gregoriano de Lisboa. Na Escola Superior de Música de Lisboa concluiu o Bacharelato em Direcção Coral e as Licenciaturas em Canto Gregoriano e Canto (classe do professor Luís Madureira).

Iniciou os estudos de canto com a professora Mariana Bonito d'Oliveira. Trabalhou com Max von Egmond, Christianne Eda-Pierre, Linda Hirst, Richard Wistreich, Christoph Prégardien, Siegfried Jerusalem, Jill Feldman e Peter Harrison. Desloca-se com regularidade a Viena, onde trabalha com a Professora Hilde Zadek. É solista do Coro Gregoriano de Lisboa.

Conquistou o 3.º prémio e o prémio para a melhor interpretação de Bach no 1.º Concurso Vozes Ibéricas, o 3.º prémio e o prémio para a melhor interpretação de obra portuguesa no Concurso Luisa Todi e o 1.º prémio no 7.º Concurso de Interpretação do Estoril.

Apresentou-se como solista de oratória em obras como *Missa em Si m* e *Magnificat* (J. S. Bach), *Messiah* (Handel), *Krönungsmesse* e *Missa em Dó m* (Mozart),

Die Schöpfung (Haydn), *L'enfance du Christ* (Berlioz), *Carmina Burana* (Orff) e *Requiem* (Fauré e Duruflé).

Interpretou os papéis principais das óperas *Così fan Tutte* (Mozart), *L'Amore Industrioso* (Sousa Carvalho), *As Variedades de Proteu* (António Teixeira), *Dido and Aeneas* (Purcell), *A Floresta* (Eurico Carrapatoso), e *L'Elisir d'Amore* (Donizetti).

É professor no Instituto Gregoriano de Lisboa. Orientou *workshops* de música coral no Canadá, Inglaterra e nas Jornadas Internacionais de Música da Sé de Évora.



ETTY BEN-ZAKEN voz

Cantora, autora e artista pluridisciplinar, ETTY BEN-ZAKEN, conquistou o aplauso das audiências e da crítica pelas suas interpretações e gravações de obras contemporâneas, algumas escritas especialmente para a sua voz. Grande conhecedora das várias técnicas vocais do século XX, sente-se igualmente à vontade na música antiga e no repertório popular da sua herança sefardita. Uma mulher da renascença, tem uma intensa actividade como concertista e criadora no ponto em que se cruzam a música o teatro e a literatura: em Israel foram publicadas duas novelas suas, e

cinco espectáculos de teatro-musical que elaborou, encenou e interpretou participaram em festivais em Israel, Alemanha e EUA. O seu primeiro álbum como solista foi lançado em 1999 pela etiqueta americana New Albion Records. ETTY BEN-ZAKEN estudou canto na Academia Rubin de Jerusalém e teatro na Escola de Teatro Visual de Jerusalém. Actualmente faz parte do corpo docente do Departamento de Teatro da Universidade de Haifa.



TAPIO TUOMELA maestro

Natural de Kuusamo (Finlândia), o maestro e compositor Tapio Tuomela formou-se na Academia Sibelius, onde estudou piano com Tapani Valsta, direcção de orquestra com Jorma Panula e composição com Binar Englund, Eero Hämeenniemi, Magnus Lindberg e Paavo Heininen. Paralelamente complementou os seus estudos de piano e direcção de orquestra em Vilnius, no Conservatório da Lituânia e os seus estudos de composição (1988/89) com Christopher Rouse e Joseph Schwantner na Eastman School of Music (Rochester, Nova Iorque), (onde obteve o mestrado em Música em 1990); estudou ainda (1989/91) com Witold Szalonek na Hochschule der Künste em

Berlim. Frequentou também cursos de composição com Witold Lutoslawski, George Crumb, Klaus Huber e Brian Ferneyhough. Em 1997, participou no Stage d'été nos estúdios do IRCAM em Paris.

As obras de Tuomela têm sido apresentadas em todos os países nórdicos (Nordic Music Days, por exemplo), nos EUA (Scandinavia Today, North & South Consonance), na Alemanha, Inglaterra, França, Bélgica, Holanda (Icebreakers), Portugal (EMC Gulbenkian), Jugoslávia (Novi Sad Festival), Roménia (ISCM World Music Days) e Hungria. Em 1991, o Festival de Helsínquia dedicou uma série de concertos à música de Tapio Tuomela.

Tuomela é também um maestro extremamente activo, dirigindo regularmente na Ópera Nacional Finlandesa, o Avanti! Chamber Orchestra e outros grupos europeus. O maestro Tapio Tuomela dirigiu um grande número de obras em primeira audição absoluta mais recentemente na Alemanha e em Espanha. Tem colaborado regularmente com a ORCHESTRUTOPICA.



PEDRO PINTO FIGUEIREDO maestro

Nascido em Lisboa, o maestro Pedro Pinto Figueiredo concluiu o Curso

Geral de Composição da Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa, e o bacharelato em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa. Estudou composição com Constança Capdeville, com o professor e compositor Christopher Bochmann e com o compositor Emmanuel Nunes, com quem trabalhou em Paris onde realizou ainda paralelamente diversos cursos no IRCAM, tendo sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Da sua produção musical, salientam-se obras como *Germinal* para octeto de sopros e piano, *Wake* para clarinete e *Scindite* para clarinete baixo, contralto e orquestra de câmara. Tem tido como prioridade na sua pesquisa musical a utilização das novas tecnologias, principalmente no âmbito do tratamento do som em tempo real e da sua espacialização. Estreou, em 2002 a obra *Ser* para orquestra de cordas no Festival de Musica contemporânea de Dunkerque, com a orquestra lírica da Opera de Paris.

Foi membro da Direcção Pedagógica da Escola de Música do Orfeão de Leiria. É ainda Docente na ANSO (Academia Superior de Orquestra), onde lecciona Análise e Orquestração e na Escola de Música de Linda-a-Velha e dirige um Atelier de Música Contemporânea.

Em 1997 iniciou os estudos de Direcção de Orquestra no Conservatório de Dijon na classe do Maestro Jean Sebastian Béreau, tendo conquistado, em 2002, a medalha de ouro do concurso de finalistas. Trabalhou também com o maestro Peter Rundel na área da direcção de música contemporânea.

É o maestro da Orquestra do Conservatório da Metropolitana, tendo

dirigido também a Orquestra Sinfónica Juvenil e a Orquestra Jovens Músicos, foi responsável por um Estágio de Direcção de Orquestra na ESART, e é responsável pela direcção do Estágio Internacional de Orquestra de Leiria na sua 5.ª edição.

Em 2002 iniciou os projectos Orquestra A2M – Arquivo da Memória Musical, e em 2003, o Grupo de música contemporânea Ensemble 20/21. Em 2003 estreia-se em Portugal com a orquestra Filarmonia das Beiras, tendo desde então dirigido vários agrupamentos e orquestras de onde se salientam a Orquestra Gulbenkian e o Remix Ensemble.

Músicos

Katharine Rawdon (1, 2) FLAUTA
Laura Marcos (1) OBOÉ
Bruno Graça (1) CLARINETE
Nuno Pinto (2) CLARINETE E CLARINETE BAIXO
David Harrison (1, 2) FAGOTE
António Quítalo (1) TROMPETE
Paulo Guerreiro (1) TROMPA
Hugo Assunção (1) TROMBONE
Richard Buckley e Pedro Silva (1) PERCUSSÃO
João Tiago Dias (2) PERCUSSÃO
Paulo Pacheco (1) PIANO
Elsa Silva (2, 3) PIANO
José Pereira (1) Vítor Vieira (2, 3) VIOLINO I
Ana Pereira (1) Juan Maggiorani (2, 3), VIOLINO II
Cecliu Isfan (1) Jorge Alves (2, 3), VIOLA
Guenrikh Elessine (1) Marco Pereira (2, 3), VIOLONCELO
Petio Kalomensky (1) CONTRABAIXO

1. concerto dia 22 Setembro
2. concerto dia 26 Setembro
3. concerto dia 2 Outubro

ORCHESTRUTOPICA

A ORCHESTRUTOPICA (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 – pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas, e o maestro Cesário Costa –, foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de cinco anos já realizou mais de quarenta concertos, em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou, a OU apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline

de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A ORCHESTRUTOPICA beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura / Instituto das Artes e, desde a temporada de 2006/2007, é “orquestra em residência no CCB”.

Direcção artística António Pinho Vargas, Carlos Caires, José Júlio Lopes
Director José Júlio Lopes
Director musical Cesário Costa
Produção Élio Correia
Presidente da Mesa da Assembleia Geral Paula Gomes Ribeiro
Presidente do Conselho Fiscal André Sá Machado
Maestros convidados Yu Feng (Chi), David Allen Miller (BUA), Odaline de la Martinez (GB), Tapio Tuomela (Fin), Fabián Panisello (ARG), Jean-Sébastien Béreau (FR), Olivier Cuendet (SUI)
Solistas convidados Ana Ester Neves, soprano (POR), Nicole Tibbels, soprano (GB), Fredrik Burstedt, violino (SE), Yeree Suh, soprano (COR), Monique Krüs, soprano (NL), Guillaume Grosbard, violoncelo
Compositor-residente João Madureira (2004); Nuno Côrte-Real (2005).

A ORCHESTRUTOPICA é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos. Copyright © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007, ORCHESTRUTOPICA e António Pinho Vargas, Carlos Caires, Cesário Costa, José Júlio Lopes e Luís Tinoco. Todos os direitos reservados. O logótipo e a designação ORCHESTRUTOPICA são propriedade da ORCHESTRUTOPICA ACSFL. A ORCHESTRUTOPICA é uma estrutura apoiada financeiramente pelo Instituto das Artes – Ministério da Cultura (2003, 2004; 2005/2008)

Contactos:

Largo do Carmo, 18 1º Esq. 1200-092 Lisboa, Portugal.

T+F + 351 213 474 148

email: orchestrutopica@novascenas.pt

www.novascenas.pt/orchestrutopica

Festival EXPRESSO ORIENTE 2007 · 3ª edição · 57º, 58º e 59º concertos

Direcção artística do projecto: José Júlio Lopes · Produção executiva: ORCHESTRUTOPICA
Co-produção: CULTURGEST/ORCHESTRUTOPICA · Conteúdos, traduções e adaptação de conteúdos : José Júlio Lopes · Traduções : Sofia Norton · Créditos da OU e/ou dos autores identificados Festival Expresso Oriente ©® (incluindo textos), 2007, ORCHESTRUTOPICA ACSFL

Agradecimentos

A ORCHESTRUTOPICA deseja tornar público o seu agradecimento a: Embaixada de Israel em Lisboa, Maria João Câmara, Iyad Mohammad, Eitan Steinberg.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE

Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira
Joana Gonçalves
Judite Jóia

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo


Caixa Geral
de Depósitos

M|C
MINISTÉRIO DA CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES

ORCHESTRUTÓPICA
EM RESIDÊNCIA NO CCB

Monchique
Aqui Mente, Não Tebudo


EMBAIXADA DE ISRAEL